Estudo de caso: análise sobre o processo de referenciação em um sujeito com deficiência visual

Kátia Ariane da Silva*

Resumo

Este artigo analisa as estratégias pelas quais se realizam os processos referenciais no sujeito cego, a partir dos aspectos teóricos de Luiz Antônio Marcuschi e outros pesquisadores da área. É intuito oferecer uma possibilidade à compreensão das singularidades que dizem respeito à referenciação em sujeitos cegos. Os resultados da pesquisa demonstraram que, ao se interpretar o processo referencial do indivíduo, acionam-se conceitos de domínios cognitivos, além de mentais. Os resultados alcançados fortalecem a proposta sustentada por Marcuschi de que a interação é parte fundamental no processo de referenciação entre os sujeitos.

* Graduada em Comunicação Assistiva pela PUC Minas.

Palavras-chave: Processos referenciais. Cegueira. Interação. Construção de significados.

Neste artigo, propõe-se discutir os aspectos relativos à referenciação em um sujeito com deficiência visual. A concepção sobre referenciação aqui apresentada terá como base a adotada por Marcuschi, em seu livro *Cognição, linguagem e práticas interacionais*, com enfoque no capítulo 5, "Ato de referenciação na interação face a face", dessa obra, em parceria com outros estudos.

Foi entrevistado, para a realização deste artigo, João Loures Fontes, 55 anos, formado em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG. Hoje ele é aposentado e a profissão que anteriormente executava era a de Analista de Sistemas. Fontes ficou cego aos 11 anos.

Para o desenvolvimento do presente artigo, analisar-se-á o processo de referenciação de Fontes. O roteiro da entrevista que forneceu dados para a análise desse processo foi enviado por e-mail e obtivemos a resposta também por e-mail, apesar de termos feito as mesmas perguntas pessoalmente, para não correremos o risco de não sermos fiéis às respostas. Para a análise dessa entrevista, ressalta-se que Marcuschi descarta a concepção tradicional sobre a referência, segundo a qual a língua faz referência ao mundo de forma a representá-lo ou espelhá-lo dentro da linguagem.

Os processos de referenciação, em sua grande maioria, são analisados em termos de construção de objetos de discurso ou de negociação de modelos públicos do mundo. Mas aqui será pesquisado como ocorre esse processo em um sujeito cego. Dividimos o artigo, didaticamente, em tópicos que abordarão o aporte teórico, a análise da entrevista, em conjunto com a exposição dos dados, e a conclusão obtida através do estudo.

Por isso, iremos nos ater, nesta pesquisa, ao princípio de que toda referenciação auxilia na interação face a face, para a compreensão entre interlocutor e locutor. Além de verificarmos os mecanismos utilizados por Fontes nesse processo.

Aporte teórico

Os referentes são representações cognitivas partilhadas pelos interlocutores, ou seja, sujeitos que participam do processo de interação mediado pela linguagem. Por sua vez, um texto, falado ou escrito, deve ser entendido como uma rede cíclica, entre a produção e a compreensão textual ou discursiva.

Para Marcuschi, “a referência, na relação face a face, é muito menos uma determinação linguística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação.” (MARCUSCHI, 2007, p. 104).

Segundo essa perspectiva, a mente humana, durante a infância, é capaz de construir significados. Neste texto, apresentaremos essa construção a partir do estudo do caso de Fontes, que ficou cego aos 11 anos.

De acordo com Teixeira (2010, p. 132), “um texto falado ou escrito [...] deve ser entendido com uma rede de espaços mentais que seriam estabelecidos para que pudessem operar funções pragmáticas”. A partir desse processo são criados, à medida que o discurso se desenrola e a linguagem passa a ser um instrumento que ajuda a construir o significado, espaços mentais que auxiliarão os personagens da interação.

Pode-se observar que os autores dialogam em uma rede de conhecimento familiar. Por isso, vale ressaltar que a “língua não é um retrato e sim um trato do mundo isto é uma forma de agir sobre ele”. (MARCUSCHI, 2007, p. 104).

E é através da referenciação e da interação entre os sujeitos, que a língua, por não ser estática, sofre interferências e se modifica constantemente.

Para Koch (2002), o conhecimento é a habilidade em utilizar os conteúdos aprendidos através da interação social, tal como Marcuschi discorre que, para conhecer uma língua, é necessário dominá-la interativamente, a partir do seu uso social.

O sentido de uma palavra, diz Paulham, citado por Vygotsky (2005, p. 162), “é um fenômeno complexo, móvel, proteico, modifica-se com as situações”. Os significados são transitórios por serem formações dinâmicas que se transformam à medida que as crianças desenvolvem-se, e também se alteram devido às formas de atuação do pensamento. Não é apenas o conteúdo de uma palavra que se altera, mas a forma como a realidade é generalizada e refletida numa palavra.

Para Vygotsky (2005, p. 170), é clara a interatividade do sujeito com a cultura e como essa cultura vai produzindo o sujeito social. O sujeito é, portanto, um “efeito da cultura”. A linguagem é a consciência que existe na prática para os demais e, por conseguinte, para si mesmo. As atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua vivência, família, relações pessoais e outros. As habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos, mas são o resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve.

O pensamento é constituído por unidades separadas que criam uma conexão, preenchem uma função, resolvem um problema. Por isso, ao ser transportado para a linguagem, primeiro passa pelo significado. Lembrando que pode ser entendido de forma diversa, ou seja, sofre interferência do meio.

A seguir, consta a análise sobre o processo de referenciação do sujeito cego, a partir da entrevista concedida.

Processo de referenciação analisado a partir da entrevista de Fontes

Para verificarmos as reflexões desta pesquisa, foram enviadas por e-mail, a um sujeito com deficiência visual, as perguntas que constam em anexo. Para que assim pudesse ser compreendido o processo de referenciação desse indivíduo.

Na entrevista, pôde-se constatar que a ação interativa auxiliou, em determi-

nados momentos, o desenvolvimento de Fontes, como por exemplo, quando ele diz: "Passei a pedir aos meus irmãos que lessem para mim alguns capítulos das lições que tinham que estudar [...] decorava alguns dos textos [...] Foi uma forma que encontrei, [...] de manter minha cabeça em atividade", comprovando, assim, a hipótese de que a referência se constrói na ação interativa, nesse caso, a partir da socialização familiar.

Operar com tais abstrações também requer certas habilidades cognitivas específicas desenvolvidas desde a infância. Conforme demonstrado por Vygotsky (2005, p. 152), após a aquisição da linguagem, o desenvolvimento cognitivo humano se acelera consideravelmente. Esse impulso nos processos cognitivos se dá por meio da visível interação com o mundo e com os falantes ao redor da criança.

A referenciação na entrevista pode ser constatada nas palavras de Marcuschi, quando afirma que o uso da língua se dá de modo público, coletivo, coordenado e colaborativo. Na passagem "Meus dedos ganharam luz [...] achei o Braille uma coisa muito estranha [...] aprendi a jogar dominó, baralho e alguma coisa de poesia", pode ser constatado o quanto Fontes aprendeu junto de seus pares, quando foi estudar no Instituto São Rafael.

De acordo com a tradição da ação, especificada por Marcuschi, a fala ou a escrita é um processo em conjunto. E pode novamente ser observado quando Fontes, já na escola regular, em seu curso de programação de computadores, e até na UFMG, por não ter acesso a materiais em Braille, contava com a colaboração de colegas que ditavam ou gravavam as matérias. Já no momento em que tinha que fazer as provas, copiava as questões em Braille e depois as resolvia.

Devido a língua ser mutável e adaptável, ressalta-se que o processo de memorização de Fontes utiliza os conhecimentos adquiridos por ele ao longo da vida. Veja os exemplos retirados da entrevista, nos trechos a seguir:

- a) "Quanto a memorização de telefones: o prefixo normalmente é mais fácil de guardar por seguir, quase sempre, uma região. [...] tento associá-lo a uma data";
- b) "Outra estratégia é a de formar uma palavra (em Braille) com os últimos números do telefone"; (parêntese acrescentado pela autora)
- c) "tenho mais facilidade de memorização quando faço a leitura em Braille [...] Parece que a posição 'físico-tátil' da palavra (informação) na folha me ajuda na sua memorização".

Nos exemplos anteriores, podem-se observar orientações referenciais, coerentes com o aprendizado prévio do sujeito, que são evidenciadas por meio do processo de memorização que utiliza.

A partir da concepção de protótipo e estereótipo, concebida por Koch (2002), pode ser observado, na fala de Fontes, o seguinte aspecto: "Sobre cego, o que eu e minha família sabíamos é que era um fardo, um peso morto para a família / sociedade e objeto de milagres na Bíblia.". De acordo com Fontes, sua família escondia das pessoas sua cegueira, em virtude da falta de conhecimento sobre a singularidade desses indivíduos.

Para Koch, a mente humana é um processador de informações, pois ela ocorre de forma incessante, recebe, armazena, recupera, transforma e transmite informação. Na entrevista, verifica-se a ocorrência de todos esses processos na situação abaixo descrita, ocorrida com Fontes.

a) "Eu sabia que no cruzamento de determinadas ruas onde eu caminhava, no passeio de uma delas, bem à esquerda de onde eu passava para atravessar a que lhe cruzava, havia um pouco de grama. [...] eu cheguei neste referido ponto. [...] Ai, eu me dei conta que estava pisando em algo bem macio. Pensei: com a chuva a grama cresceu bastante. Foi quando ouvi alguém que gritava a mais ou menos uns 50 metros de mim [...] ele esta pisando em minha roupa que eu estou lavando [...] (Disse um) morador de rua." (parêntese acrescentado pela autora).

b) "Certa noite [...] um senhor me perguntou as horas. Eu olhando para ele respondi: são 22:15 h. E ele bastante irritado me disse: você está achando que eu sou bobo, me falou as horas sem sequer olhar para o relógio? Foi então que falei com ele que eu era cego e tive que lhe mostrar que o meu relógio era em Braille [...]"

Feuerstein, citado por Novais (2012) reconhece que as operações mentais não se referem a fatos isolados, o organismo se inter-relaciona, atua e responde à informação, interferindo no desenvolvimento do indivíduo. Essa ideia pode ser explicitada na entrevista, por isso, serão descritas algumas das operações mentais realizadas por Fontes:

a) identificação:

"na casa dos meus pais, o processo de memorização espacial se deu de forma gradual, uma vez que eu perdi a visão aos poucos [...]"

b) diferenciação e identificação:

"aprender a identificar os vários pontos da escola através o reconhecimento dos diferentes tipos de piso, dos ruídos vindos das ruas, ou, provocados pelo vento nas árvores, pela observação de lugares mais fechados ou mais abertos."

c) representação mental e análise síntese:

"Na empresa, procurava usar sempre as técnicas aprendidas na escola. [...] além do ruído do ar condicionado e dos elevadores, me ajudou bastante na memorização espacial."

d) identificação, diferenciação e codificação – (de) codificação:

"o processo de memorização espacial foi ainda mais tranquilo, uma vez que fomos nós que a construímos. [...] caminhei nas valas abertas para sua fundação; subi em andaimes para ver a altura das paredes e vigas de cintamento, etc. [...]"

e) projeção de relações visuais:

"a posição dos móveis é bem definida e respeitada. Quando há uma necessidade, conveniência ou desejo de muda-los de lugar [...] trato de memorizá-la [...]"

f) classificação e comparação:

"não fecho os ouvidos aos ruídos, tais como: canto dos pássaros, rádio, televisão, água, vento nas árvores, etc."

O pensamento e a fala são dois processos relacionados entre si, seja como dois processos paralelos, seja como dois processos que se entrecruzassem em certos momentos e se influenciasssem mutuamente de uma forma mecânica.

As palavras desempenham um papel central no desenvolvimento do pensamento e na evolução histórica da consciência como um todo. Além de ser parte fundamental no processo de referenciação, pois, a partir das nomeações e classificações, as palavras criam significações, e, assim, integram nossas vidas.

Na entrevista, pode ser verificado que Fontes não faz uso do Braille, sistema utilizado por deficientes visuais para a escrita e a leitura. Mas ele ressalta que, em se tratando de figura, considera sua visualização dificultosa. Por isso, devem-se utilizar recursos variados para sua representação, por exemplo: papeis diferenciados, linhas e tecidos de diferentes dimensões e texturas, ou seja, variados recursos que auxiliaram nessa leitura.

A palavra tem um papel destacado não só no desenvolvimento do pensamento, mas também da consciência. O pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana e parte fundamental no processo de referenciação dos sujeitos com deficiência visual.

Vale ressaltar que outro meio de leitura desses indivíduos são os leitores de texto Braille, que, para Fontes, apesar de serem úteis e um grande avanço na autonomia dos sujeitos cegos, precisam se adequar às necessidades textuais, a partir da inclusão dos significados dos vários símbolos existentes, tais como: sinal de maiúscula, sinal de término ou início do negrito, entre outros símbolos.

Conforme Vygotsky (2005, p 179), é fundamental entender as relações entre pensamento e língua para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual. Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro.

Conclusão

As análises realizadas apontam a relevância do processo referencial do indivíduo cego, tendo-se em vista que a referenciação realiza-se de maneira extremamente variada e dinâmica. Lembrando que não é possível estudar a linguagem sem considerar os aspectos cognitivos envolvidos na interação linguística.

A mente participa na construção do processo de referenciação, através da memória de curto termo — MCT — e a memória de longo termo — MLT. Na entrevista de Fontes, ela é utilizada para armazenar e organizar as informações, auxiliando-o no conhecimento.

A relação entre a palavra e o significado é uma relação associativa estabelecida através da repetição da percepção simultânea. A associação entre a palavra e o seu significado pode desenvolver-se mais forte ou mais debilmente, podendo ser enriquecida pela relação com os outros. Nessa entrevista, fica clara a relação pensamento e linguagem, para a construção de todo o conhecimento do entrevistado.

Desta forma, pode-se concluir que, no processo de referenciação demonstrado pela entrevista de Fontes, houve um processo de construção da realidade e não um simples processo de elaboração de informações.

Abstract

This paper analyses the strategies by which blind people perform their referential processes. For this end, we resorted to theoretical aspects proposed by Luiz Antônio Marcuschi and other researchers of the field. The aim of this work is to enable the understanding of peculiarities regarding referentiation in blind subjects. As a result, the research shows that mental and cognitive aspects are activated when the referential process of an individual is interpreted. Such results confirm the assertion made by Marcuschi that interaction is a fundamental part of the referential process between subjects.

Keywords: Referential processes. Blindness. Interaction. Construction of meanings.

Referências

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 3- Aspectos sociocognitivos do processamento textual, p. 35-51.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na atividade discursiva**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012>. Acesso em: 03 mai. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referenciação na interação face a face. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. Cap. 5, p. 104–123.

MARQUESI, Sueli Cristina. Referenciação e intencionalidade: considerações sobre escrita e leitura. *In*: CARMELINO, Ana Cristina; PERNAMBUCO, Juscelino; FERREIRA, Luiz Antônio. **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. PUC São Paulo. São Paulo. p. 205 – 232. (Coleção Mestrado em Linguística). Disponível em: <<http://publicacoes.fran.br/index.php/colecMestradoEmLinguistica/article/view/403/330>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

NOVAES, Denise Queiroz. **Operações mentais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. No prelo.

RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. O processo da referenciação na atividade discursiva. **Letras e Letras**, Uberlândia, n. 23, p. 75 – 85, jan./jun. 2007. . Disponível em: <www.letraseletras.ileel.ufu.br/include/getdoc.php?id=597>. Acesso em: 03 mai. 2012.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. A referenciação textual numa abordagem cognitiva. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v.1, n. 2, p. 129 – 142, mai./ago. 2010. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/viewFile/28/pdf_18>. Acesso em: 03 mai. 2012.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. *In*: VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Cap. 7, p. 149 – 190.

ANEXO A – Roteiro da entrevista

ENTREVISTA

1 - Identificação do entrevistado:

Nome: João Loures Fontes.

Idade: 55 anos.

Sexo: masculino.

Profissão: analista de sistemas (hoje aposentado).

Formação escolar / acadêmica: Administração de Empresa (UFMG).

2 - Como e quando ficou cego?

Tudo começou quando eu tinha quase 9 (nove) anos, em fevereiro de 1965. Ao tentar pregar um prego em uma parede para pendurar uma gaiola de passarinho o prego ao receber a martelada soltou 'espirrou' dos meus dedos e atingiu meu olho esquerdo, cortando-o, furando-o. Minha família era muito, muito pobre e morávamos em um lugarejo totalmente sem recursos pertencente a Caratinga. Imediatamente meus pais me levaram para ser atendido em Caratinga. O médico de lá já me encaminhou para Belo Horizonte. Mas, nada mais, nem aqui, embora toda a dedicação dos médicos que me atenderam, poderia ser feito para salvar minha visão do olho esquerdo.

Após 6 (seis) meses do acidente, quando eu ainda estava em tratamento do olho esquerdo, meu olho direito apresentou uma significativa diminuição da visão, devido a um processo infeccioso chamado oftalmia simpática. Esse problema evoluiu até me fazer cego aos 11 (onze) anos.

3 - Indique situações sobre suas lembranças dos seus primeiros processos interativos além do núcleo familiar (escola, clubes, igrejas, etc.).

No início, e veja, estou falando da década de 60, de quando a informação, a comunicação circulava com a velocidade, se comparada com a dos dias atuais, numa rede que me atrevo a chamá-la de 'tartaruga net'. Sobre cego, o que eu e minha família sabíamos é que era um fardo, um peso morto para a família/sociedade e objeto de milagres na Bíblia. Assim, minha família tentava esconder de todos os meus problemas, alimentando, às cegas, o preconceito.

Eu perdia então, os meus pés de poeira a correr pelas ruas, as cores dos pássaros, a liberdade azul de uma pandorga no céu, o gosto molhado de brincar na chuva, o rodar de um pião, os riscos da finca no chão, a alegria do pé na bola, o sabor maduro de frutas no pé, e, principalmente, as lições da escola.

Passsei a pedir aos meus irmãos que lessem para mim alguns capítulos das lições que tinham que estudar, principalmente de geografia e ciências. Eu aprendia alguma coisa, decorava alguns trechos dos textos e lhes fazia perguntas sobre o que havíamos estudado. Foi uma forma que encontrei, sem ter consciência do fato, de manter minha cabeça em atividade.

O tempo passava lento com medo de acelerar na escuridão do meu caminho. Mas, em 1969, em uma viagem a Belo Horizonte, meu pai ficou sabendo do Instituto São Rafael, uma escola especializada no ensino para cegos. Perguntou-me se eu gostaria de estudar lá. Respondi imediatamente que sim, mesmo sem saber como poderia

um cego ler escrever, etc.

Em 1970 fui para o Instituto São Rafael: eu nasci de novo. Meus dedos ganharam luz e eu estava em minhas mãos. É claro que no início eu fiquei muito assustado: a escola era enorme, eu tinha que me virar sem a sombra protetora da minha mãe, achei o Braille uma coisa muito estranha, havia alunos antigos que gostavam de zombar dos novatos, etc. Mas, de muito positivo, eu vi que eu não era o único cego do mundo, que os cegos poderiam estudar, trabalhar, constituir família. Enfim, poderiam ser felizes.

Conheci pessoas que tinham os mesmos problemas e sonhos meus. Fiz parte de time de futebol. Aprendi a jogar dominó, baralho e alguma coisa de poesia. Tomei parte em peças teatrais, em gincanas culturais, em eventos comemorativos da escola.

O mais importante, é que pelo exemplo de muitos de lá, tomei gosto pelo lutar, pelo nunca desistir. Nos 8 (oito) anos que ali estudei aprendi a ser gente e que quando se quer: a diferença faz a diferença.

Quando eu estava na oitava série comecei, em uma escola comum, meu curso de programação de computador, que teria duração de dois anos. No ano seguinte comecei o segundo grau, também em escola comum. Não foi nada fácil, pois, em nenhum dos dois eu tinha material em Braille e não havia naquela época sala recurso e nem CAP (Centro de Apoio Pedagógico) para apoio aos cegos. Então tinha que contar com a colaboração de colegas para me ditar e ou gravar as matérias. Para fazer as provas, muitas delas, tais como matemática, física, química, estatística eu copiava as questões em Braille para então resolvê-las. Outra dificuldade era: o professor muitas vezes se esquecia que tinha um cego na sala e escrevia no quadro sem falar o que estava escrevendo, ou, ao ditar, por exemplo, uma sentença matemática, se esquecia de falar o (abre ou fecha parênteses) no momento exato deles. Aí, o cego tem que ficar sempre lembrando isso ao professor até que ele se acostume.

Quando terminei meu curso de programação de computador comecei a trabalhar em uma grande empresa, em sua área de informática. No início foi muito difícil, pois, os recursos tecnológicos para cegos nessa área ainda eram pequenos.

Em dezembro de 1981 me casei e janeiro de 1982 passei no vestibular da UFMG no curso de Administração de Empresa, que concluí em 1986. Também nele não tive material em Braille.

Durante o tempo que trabalhei fiz vários cursos ligados a área de informática. Com isso em conjunto com a evolução tecnológica, como por exemplo, a criação dos programas 'leitores de tela' pude crescer na carreira até me tornar analista de sistemas.

Tenho duas filhas e sempre tentei participar da vida delas, desde trocar fraldas, fazer mamadeiras, ajudar nas tarefas escolares, a fazer castelos de areia na praia, a passar aperto num toboágua, a pular corda, etc, até mesmo ajudar a uma delas no evento de seu casamento. Ah! Já ia me esquecendo de algo muito importante: o de fazê-las CRUZEIRENSES. É claro que para tudo isso contei sempre com a compreensão e o apoio da minha esposa.

4 - Indique situações de comunicação em que houve equívocos de compreensão e como resolveu.

Lembro-me apenas de duas situações:

- Certa noite eu estava indo para casa, de ônibus, quando um senhor me perguntou as horas. Eu olhando para ele respondi: são 22:15 h. E ele bastante irritado me disse: você está achando que eu sou bobo, me falou as horas sem sequer olhar para o relógio? Foi então que falei com ele que eu era cego e tive que lhe mostrar que o

meu relógio era em Braille, que ele abria a tampa e que eu via as horas com o dedo. Demonstrei isso para ele que me pediu desculpas.

- O outro é o seguinte: acho que foi em 1990. Só tenho certeza que foi num ano que choveu por pelo menos 19 dias seguidos. Eu ia de ônibus para o serviço e descia um pouco longe do local do meu trabalho. Eu sabia que no cruzamento de determinadas ruas por onde eu caminhava, no passeio de uma delas, bem à esquerda de onde eu passava para atravessar a que lhe cruzava, havia um pouco de grama. Em uma determinada manhã, por volta das 08:00 h, eu cheguei nesse referido ponto. O sol havia dado as caras e já estava até bem quente. Aí, eu me dei conta que estava pisando em algo bem macio. Pensei: com a chuva a grama cresceu bastante. Foi quando ouvi alguém que gritava a mais ou menos uns 50 metros de mim: 'ô, filho da p, a minha roupa aí! Esse grito se repetiu algumas vezes e cada vez mais perto de mim. Enquanto isso, eu esperava aparecer alguém para me ajudar a atravessar a rua. Foi aí que apareceu alguém e disse para quem estava gritando: 'você não está vendo que ele é cego?' Ao que o outro respondeu: 'eu não tinha visto a bengala dele, mas ele está pisando na minha roupa que eu estou lavando e pus aí, na grama para quicar no sol.' Era um morador de rua. Pedi desculpas a ele e fui embora.

5 - Exponha sua opinião sobre os materiais em Braille, quanto aos seguintes aspectos: clareza, abrangência, ilustrações, etc. Aponte as dificuldades e / ou facilidades.

- Clareza: quanto à clareza o que quero dizer é que o leitor de textos em Braille tem que aprender o significado de vários símbolos que, normalmente, são usados antes de uma palavra para indicar como a mesma aparece no texto comum. Por exemplo: sinal de maiúscula, de negrito, um sinal que termina o negrito, um sinal de texto de informática, como no caso de: www.xpto.com.br, etc. Para não atrapalhar a clareza é bom que cada publicação em Braille traga uma tabela com os símbolos usados nela, uma vez que alguns são utilizados raramente, podendo, assim, não serem lembrados pelo leitor.

- Abrangência: creio não ser uma boa pessoa para falar da abrangência dos materiais em Braille por não ser um freqüentador de bibliotecas de livros em Braille. Sei, entretanto, que será muito difícil alguém encontrar em Braille um manual de sistema operacional de computador, um livro que ensina as complexidades das operações em bolsa de valores, obras volumosas (exceção feita à Bíblia), revistas semanais, tais como a *Veja*, jornais, etc.

- Ilustrações: a meu ver, a ilustração em Braille da maioria das figuras geométricas, do contorno dos Estados em um mapa de um país, dos países em um mapa de um continente, etc, e de figuras simples é possível de ser percebida pelo cego. Já, uma figura de uma pessoa com um vaso de flores na cabeça, com a mão esquerda segurando o vaso, com um cajado na mão direita e de botas longas até os joelhos, confesso que não conseguiria visualizá-la. Penso que se a figura for cheia de detalhes (vários elementos) há de se lançar mão de outros recursos para sua representação, tais como: colas, linhas, barbantes, papéis ou tecidos de diferentes texturas, etc, além de uma legenda (algo elucidando esses elementos).

- Quanto a apontar dificuldades e / ou facilidades: não vejo nenhum aspecto de facilidade em relação aos materiais em Braille. Acho que o armazenamento das obras em Braille é um grande problema por serem sempre volumosas e se não for feito com zelo pode danificá-las, apagando o relevo dos pontos do Braille. Outra dificuldade

é que sua produção só é feita em gráficas especializadas, enquanto que os materiais editados no sistema comum são facilmente xerocados; isto sem falarmos do uso do computador para se copiar ou imprimir textos e até mesmo livros.

6 - Como se deu e como é o processo de memorização espacial nos espaços mais frequentados: casa, escola, trabalho, trajeto...

Quando eu era criança, na casa dos meus pais, o processo de memorização espacial se deu de forma gradual, uma vez que eu perdi a visão aos poucos e a casa era muito simples, com poucos móveis (obstáculos).

Na escola (Instituto São Rafael), como o espaço era muito grande, com pátios amplos, varandas, corredores e muitas salas tive que contar com a ajuda de alguns alunos antigos nos primeiros dias, até eu aprender a identificar os vários pontos da escola através do reconhecimento dos diferentes tipos de piso, dos ruídos vindos das ruas, ou, provocados pelo vento nas árvores, pela observação de lugares mais fechados ou mais abertos.

Com o passar do tempo tive aulas de Orientação e Mobilidade que me deram técnicas para desenvolvimento da memorização espacial, inclusive para trajetos nas ruas.

Na empresa, procurava usar sempre as técnicas aprendidas na escola. O prédio onde eu trabalhava era dividido em 4 alas: A1, A2, B1 e B2. As cantinas e salas de reunião ficavam na mesma posição em todos os andares. Tudo isso, além do ruído do ar condicionado e dos elevadores, me ajudou bastante na memorização espacial.

Quanto à casa em que moro hoje, o processo de memorização espacial foi ainda mais tranquilo, uma vez que fomos nós que a construímos. Minha esposa e eu fizemos sua planta; caminhei nas valas abertas para sua fundação; subi em andaimes para ver a altura das paredes e vigas de cintamento, etc. Fomos nós que definimos lugares de portas, janelas, interruptores, tomadas, etc. Dentro dela a posição dos móveis é bem definida e respeitada. Quando há uma necessidade, conveniência ou desejo de mudá-los de lugar, eu tenho, antecipadamente, ciência da mudança e trato de memorizá-la. É comum, é claro, que nos primeiros momentos da mudança eu desvie de um móvel (obstáculo) que não mais está ali, e, o que é pior, trombe com um que antes não estava cá. Também aqui, não abro mão, ou melhor, não fecho os ouvidos aos ruídos, tais como; canto dos pássaros, rádio, televisão, água, vento nas árvores, etc.

7 - Relate sobre as estratégias empregadas para a memorização de telefones, dados, matérias de estudo, falas teatrais, etc.

Quanto à memorização de telefones:

O prefixo normalmente é mais fácil de guardar por seguir, quase sempre, uma região. Os outros 4 números:

- Primeiro, tento associá-los a uma data. Por exemplo, o telefone da casa dos pais da minha amiga Cristiana é 1838. Como o pai dela é professor de história, mesmo sem saber nada que aconteceu naquele ano, associei seu telefone ao ano de 1.838.

- Outra estratégia é a de formar uma palavra com os últimos números do telefone, uma vez que os números em Braille são escritos usando as letras de A a J (indo de 1 a 0). Quase nunca isso dá certo. Mas, outro dia, ao anotar um telefone de uma loja vi que seus últimos números eram: 3571 que em Braille se escrevem: (sinal de número)

cega. O diabo é que era uma loja de luminárias.

- Hoje com o recurso do celular que nos lê a agenda, acho que passou a ser essa a nossa principal estratégia de memorização de telefones.

Quanto à memorização de dados, matérias de estudo, falas teatrais, etc:

Nesse caso tenho mais facilidade de memorização quando faço a leitura em Braille, do que quando ouço uma gravação, ou, faço uma leitura usando um 'leitor de tela' no computador. Parece que a posição 'físico-tátil' da palavra (informação) na folha me ajuda na sua memorização.